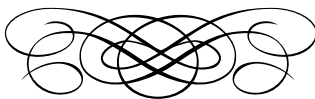


Índice

INTRODUÇÃO.....	15
<i>em que o facho é aceso</i>	
DOS TEMPOS DISTANTES DA SERRA DE SINTRA.....	21
<i>em que os antigos a vislumbram</i>	
Os Primórdios na Terra.....	23
Os Primórdios nos Escritos.....	27
DAS LENDAS E DO LÍRICO	35
<i>em que a simplicidade se estende</i>	
Os Cinco Altos de Nomes Iguais e de Apelidos Diferentes.....	37
A Gruta da Moira	39
Zara	40
A Fonte dos Noivados.....	48
Vale de Flores.....	49
Milides	51
Um Sorriso de Aurora.....	56
Água em Leite	58
A Cova Encantada	63
O Penedo dos Ovos, ou A Pedra Amarela	68
Seteais.....	70
Almoçageme	84

DO LÍRICO, DA RELIGIÃO, E DAS LENDAS.....	85
<i>em que palavras e crenças se entrelaçam</i>	
O Proscrito	87
Lenda das Queijadas de Sintra	96
O Chafariz dos Ladrões	98
Lenda de Santa Eufémia	100
O Túmulo dos Dois Irmãos	104
Pedra de Alvidrar	108
A Gruta da Fada	109
Lenda de Monserrate	111
Lenda da Capela de Janas.....	114
Lendas de Odrinhas.....	117
Ódios e Amores Estrangeiros em 1800.....	119
Lendas e Tradições dos Ribafria	121
Lendas da Penha Longa	128
Sigurd, O Viking	134
O Eremita Espanhol	137
O Lawrence's, e uma Assinatura de Lord Byron	138
Eduardo VII, e uma Compra Forçada.....	141
Carvalho Monteiro, um Recontar na Hora da Morte.....	143
DA HISTÓRIA LENDÁRIA.....	147
<i>em que a velada história se mostra</i>	
O Cabo da Roca	148
O Convento da Santíssima Trindade.....	150
Tritões e Nereidas em Sintra	158
A Peninha.....	166
Sintra Corsária.....	182
O Convento dos Capuchos.....	195
O Mosteiro da Pena.....	215

O Palácio da Vila	234
A Gruta dos Banhos.....	234
Lendas	239
O Todo.....	255
O Ramalhão	259
D. Sebastião.....	265
O Castelo dos Mouros.....	272
Reconquista.....	272
Subterrâneos e um Rei Mouro	276
Os Ossos do Castelo dos Mouros.....	283
A Cisterna	285
Pedras de Ceval	290
A Lendária Penha Verde.....	293
D. Afonso VI.....	301
D. João de Castro	309
Animais <i>Feroces</i>	318
Manuel Pinto da Fonseca.....	331
Dom Carlos.....	351
A um Herói Desconhecido	359
O Regresso da Távola Redonda.....	374
Templos da Lua e do Sol, e o Enganar Nostradamus.....	379
Lenda de Colares	391
 PALAVRAS N'UM ADEUS	 397
 BIBLIOGRAFIA	 403
 ÍNDICE REMISSIVO	 415



O que são lendas? O que são mitos? O que separa a imaginação da realidade?

Tudo, tudo na vida se torna mais difícil de responder quando a realidade supera a imaginação.

Como em Sintra sempre se passou. Os contornos da Serra são quase como dentes de uma chave que destranca a fechadura da realidade que nos encerra. Usando-a, descerramos a realidade e entramos então num Mundo de fantasia que da superfície dos nossos sonhos lentamente como um véu se eleva, que sendo enfunado ganha formas, ganha corpos, ganha rostos. Serra e Vila são então o espaço e o tempo em que as lendas se cruzam com a realidade aumentando a nossa curiosidade pelos mistérios da vida.

Mas para este nosso caminho percorrermos é necessário ter em consideração subtis diferenças, que muitas vezes são ignoradas no querer de infinita fantasia.

Tomemos como exemplo o mito. Se olharmos para trás, para todo o caminho que vários desconhecidos percorreram por nós no trilho do tempo que até aqui nos trouxe, perceberemos que o mito tentou sempre explicar as origens, os porquês, mesmo que esses apenas confluíssem para vontades e desejos de superiores seres, sem razões aparentes.

Na procura de respostas, na procura das origens, no peito de sonhos convulso por seu respirar e suas lágrimas, o próprio homem fez com que a explicação divina, o mito, quer por desespero quer por interesse, se tornasse nos dias em que vivemos, num epíteto da mentira, do falso.

A lenda? A lenda em seu corpo, em seu cerne, sempre se intrometeu entre os mortais, dominando a fama de quem por sortes ou azares, destrezas ou desgraças, de seus pares se distinguiu em fortuito caminho. A lenda pretendia contar, recontar, o motivo da distinção, a forma da distinção, como algo ou alguém, lugar ou ser, foi em certo percurso do caminho do tempo tão único entre os da sua espécie.





Dos Tempos DISTANTES da Serra de SINTRA

em que os
ANTIÇOS a visLUMBRAM



*A Xorca de Ouro, ou o Colar de Ouro dos tempos antes de Cristo, encontrado em Sintra no século XIX.
Seria vendido ao British Museum de Londres em 1906 perante o desinteresse português,
onde se encontra actualmente. 1896 © Arquivo Pessoal do Autor*

Os PRIMÓRDIOS NA TERRA⁷

Da terra, do tudo, uma bípede espécie mantinha-se movendo entre as demais, em tempos e territórios.

De um determinado ramo de género biológico, semelhante genética partilhando, duas apenas se mantinham⁸, não se sabendo concretamente relacionamento que entre elas era mantido. Ainda que fosse uma mais forte e robusta no que à sobrevivência toca, a que tinha uma maior capacidade de pensamento foi a que persistiu, apagando o correr do tempo a existência da primeira.

O litoral português era na última grande idade do gelo mais extenso, estendendo-se adiante no que agora Atlântico oceano é. A acumulação da água em glaciares, em grandes massas de gelo, tomava para si aquela que hoje pelo planeta se espalha. São sítios esses, que eram em arcaicos tempos calcorreados – e onde também se dormia e onde também se vivia –, hoje cobertos de água. O impiedoso tempo, fazendo o espaço correr, fez com que as condições climáticas se tornassem mais propícias à existência Humana.

A morte e a vida continuavam no entanto a impregnar a mente daqueles que tinham sua origem nessa e seu fim naquela. Nas incógnitas que na vivência surgiam, existia sempre quem se dizia mais saber sobre o entrelaçar daquelas duas, assustando rostos, vestindo peles e adornos como armações de veado em própria cabeça usando, tudo costurado por meios vários, mas principalmente por fibrosos tecidos como tendões, que extraíam dos animais que matavam na caça que na época imperava, nas estruturas fálicas que ao céu se levantavam como símbolos de conquista e de poder face ao megalitismo social, que o neolítico havia entre si criado com o aparecimento da agricultura, com a dependência do conhecido e do vizinho que o assentamento – ainda que temporário – em terras para cultivo implicava.

Parece ser este um choque entre os elaborados dólmenes e os monólitos, quase que demarcando simbolicamente o indivíduo, e o conjunto de indivíduos, a sociedade. Com as estruturas megalíticas elaboradas e de função social, permanentes em frequência de hábitos, começava a surgir assim uma noção de propriedade, e com ela, o certo escalar de conflitos.

⁷ Embora só com alguns pequenos pontos relativos a Sintra, serve esta parte para que possa tomar conta, consciência, daquilo que também se passou na região quando a história não era escrita; do mesmo modo é para que possa enquadrar as coisas no tempo no espaço, quando dos primórdios de Sintra ou de seus itens, ouvir falar.

⁸ O *Homo neanderthalensis* e o *Homo sapiens*.





O Túmulo dos Dois Irmãos



Para quem viva com seu coração preso à era medieval, e esteja esse preso com as correntes de heras de Sintra, talvez seja esta a lenda que esse o preencherá com o romantismo do passado, com o destino bizarro, e com a consanguinidade em vida e em morte.

A intensidade da história levanta-se antes dessa começar, quando nos lembramos do túmulo que pelo qual se passa indo do Ramalhão para São Pedro. Vê-lo – e mesmo sabendo que não se encontra no seu lugar original – é o que basta para a concentração em nossos olhos aumentar. Observar lentamente as curvas das cruzes que preenchem as telas... tocar levemente na espada no topo da sepultura insculpida que no passar dos séculos já começou a partir para o seu encontro com a natureza... E ali estando, recolhido entre as frescas sombras que suavemente vêm e vão no balançar que a brisa correndo movimentada, lembrar a lenda imerge o nosso corpo num tempo sem horas, sem anos, sem séculos, em dias sem sua contagem... E para lá vamos, querendo presenciar os dois irmãos, querendo sentir a própria amargura por eles vivida, e desejando até que o nosso espírito com o deles em honra pela eternidade se dilua...

São aqui apresentadas duas versões. A primeira e mais comum, surge-nos em 1838 pelo Visconde de Juromenha¹³⁰; dessa terão surgido à partida, todas as restantes versões. A segunda versão, creio que deverá aqui constar, devido à sua forma e ao seu silencioso cantar de emoções, como que sendo uma romança em que as claves são cada palavra que os olhos lendo fazem coração ouvir, tendo como seu autor D. João da Câmara, que a elaborou em 1903.¹³¹

No distrito desta Freguesia está o Paço do Ramalhão, e quintas Reais que lhe são anexas, por entre as quais passa a estrada Real que conduz à Vila e vem de Lisboa, e logo adiante desta casa na mesma estrada, antes de chegar ao Rocio de S. Pedro, debaixo de um sombrio arvoredado, se vê uma sepultura de pedra sem outro lavor mais do que uma Cruz esculpida sobre a campa da forma que usavam os Templários, e em uma das extremidades outra Cruz de pedra arvorada.

É conhecida esta sepultura pela denominação da Sepultura dos dois Irmãos, nome que já tinha no XV século como consta de um instrumento daquela época. Dizem os

¹³⁰ *Cintra Pinturesca*, Visconde de Juromenha, edição de 1838, p. 114.

¹³¹ *Cintra Pinturesca*, Visconde de Juromenha, edição de 1905 com notas de António A. R. da Cunha, pp. 264, 265.





*O Túmulo dos Dois Irmãos, numa das antigas disposições na estrada que vai do sítio do Ramalhão para São Pedro.
Século XIX © Arquivo Histórico de Sintra*

naturais que o que dera origem a esta denominação fora a tradição que entre eles corre antiga de pais e filhos que passo a descrever como a ouvi de um velho de noventa anos, todo imbuído da sua veracidade.

Dois irmãos traziam amores com uma donzela que por aqueles sítios habitava, ignorando ambos os amores um do outro. Acontecendo por uma triste fatalidade encontrarem-se os dois irmãos em uma noite tenebrosa debaixo do balcão do objecto que tão enfeitados os trazia, um deles persuadido que o outro lhe disputava os favores da sua dama, corre cego, e inconsiderado sobre ele, e o estende morto a seus pés, vítima de um frenético ciúme. Porém, qual é a sua desesperação quando pela voz moribunda daquele que julga o seu rival, reconhece ter sido o assassino de seu próprio irmão que muito amava que lhe expira nos braços! Cheio de desesperação volta contra o peito o ferro fraticida, e a cai morto sobre o cadáver ensanguentado do irmão, preferindo uma morte pronta, a uma vida inconsolável cheia de remorsos.

E depois da lenda trazida pelo Visconde de Juromenha, a bela prosa por D. João da Câmara, neste caminho que em noite se alonga:

Terminou a charneca. Respira-se finalmente.

Começa a subida para S. Pedro de Sintra e o caminho é sombreado pelos velhos ulmeiros.





A Peninha



...em Sintra também a Sr.^a D. Maria Pia gostava de “pic-nic” na Peninha. Às vezes fazia-se noite, cerrava-se o nevoeiro, e não sabíamos por onde andávamos, com o serviço às costas.

Vital Fontes, contando essa memória distante quarenta ou mais anos da altura em que a tinha vivido, conseguiu com suas palavras prolongá-la desde 1945²⁷² até esta noite, trazendo o perfeito quadro em que tempestuoso carácter e tempestuoso templo da natureza se misturando, ficam incognoscíveis no vento uno e tormentoso de personalidade, de faceta bravia.

Para além das suas romarias, de algumas visitas de autóctones ou portugueses, os viajantes estrangeiros por norma, fazendo o percurso da Serra acabavam por se desviar da Peninha, fazendo o caminho para o Cabo da Roca, onde daí sim, a avistavam, totalmente envoltos no bravo tempo que aí revolteava:

*Para o Cabo da Roca, as montanhas descem e terminam numa plataforma nua, deserta, que forma o promontório; a sua escarpa é muito acentuada, dir-se-á de sessenta a oitenta pés. Perto de lá vê-se uma capela em ruínas e um farol. No dia em que fui, fazia um tempo terrível, uma tempestade das mais furiosas. Eram perto das seis horas da tarde: era o mês de Outubro, e o trovão retumbou, e o vento soprou com violência... Nós estávamos a cavalo; o nosso cavalo retrocedeu...*²⁷³

Não era, nem tampouco é, o arisco e bravio tempo que na Peninha se faz sentir, suficiente para que alguns tal sítio deixem de amar; pelo contrário, o indómito do seu mais selvagem, faz até com que aquele lugar mais se ame.

Existe uma história que por estar muito próxima de nós, até poderá parecer desadequada para caminho este em que luminoso véu ilumina nossos passos. É no entanto um facto, que à medida que as décadas forem passando, mais lendária essa história se tornará; para nós hoje em dia, de acordo com o seu conteúdo, é bizarra, e mais bizarra se torna quando se pensa que um dos ícones selvagens da Serra de Sintra se podia ter “perdido”. A história passou-se entre 1946 e 1954, e foi contada pelo conterrâneo Edgard Mattos, que muito viajou pelo Mundo²⁷⁴:

²⁷² *Servidor de Reis e de Presidentes*, Vital Fontes por Rogerio Perez, edição de 1945, pp. 36, 37.

²⁷³ Excerto traduzido pelo autor. *Souvenirs d'une Ambassade et d'un Séjour en Espagne et en Portugal, de 1808 à 1811*, Marquesa de Abrantes, edição de 1838, p. 309.

²⁷⁴ *Volta a Viver*, Edgard Santos Mattos, edição de 1976, pp. 326, 327.





Palácio da Peninha, segundo o verdadeiro desejo de Carvalho Monteiro, primeiro proprietário da Quinta da Regaleira como a conhecemos hoje. Década de 20 ou primeiros anos da década de 30, de 1900 © Arquivo da Casa de Lourçal

Não creio que a maior parte das pessoas que tenha ido à Peninha num dia de mau tempo ali queira voltar e, no entanto, quando se sabe apreciar o encanto da Peninha – quer faça bom ou mau tempo – quanto se ambiciona esse ponto, o mais alto da Serra de Sintra!

Há uma história verdadeira que ilustra esta realidade.

Seria num dia de nevoeiro ou de sol brilhando no céu azul que, no tempo em que o Presidente Perón era o senhor todo poderoso da Argentina, o seu embaixador em Portugal conheceu o castelo que se encontra no ponto mais alto da Peninha? Não sei. Sei apenas que esse diplomata depois de ver essa grande casa se dirigiu ao seu proprietário, o falecido advogado Dr. Rangel de Sampaio, e teria travado com ele o seguinte diálogo:

– Acabo de receber uma carta do meu presidente sobre a sua propriedade no Alto da Peninha. Permita-me que o esclareça de que, tendo visitado esse maravilhoso castelo





O CONVENTO dos Capuchos³⁴¹



Corria furioso vento por penedos da Serra, abandonando-a, pelo oceano se alargando, mar cobrindo, no azul céu que se perdia em extensão. Dia esse como tantos outros seria o de quem de todos os bens da vida se despojando, o dia em fria Serra vivia, em húmido eremitério só por nobre cortiça protegido, em marcos viários que na distância na Serra, de tal os viandantes informaram até ao último ano do milénio passado.³⁴² Naquele lugar inóspito, viviam aqueles em sítio que por mando de D. João de Castro tinha sido erigido, que em corpo frio de vida abandonada, ainda na Índia assim tinha sido abrigado antes de para Lusa terra ser transportado. D. João de Castro, o grande senhor de suprema grandeza, possuidor embora que não constante usufruidor de longa propriedade sua – Quinta da Fonte d’El-Rey –, que percorria Serra desde aquela que hoje conhecemos como *Quinta da Penha Verde*, até ao mandado fundar lugar, o Convento dos Capuchos.

Tirando o véu dos prazeres da vida, deixavam aqueles desnuda alma que corpo expunha, assim a expondo à austeridade de que Humano corpo sempre foge. Para voltar a esses tempos, em que...

...nem o caminho, nem o lugar é tratável; este me pareceu da glória, pela estreiteza; porém Deus se lembrará dos que andamos pelo mais largo com cuidados mais estreitos.

...para o sentir na distância que longe do seu início nos mantém, temos palavras íntimas, que até hoje nesta noite nos chegam. Francisco Rodrigues Lobo: é na intimidade do escritor que cresceu e viveu durante o domínio filipino, homem de aguda sensibilidade e percepção como é tal notório nas subtis “lições” do seu livro *A Corte na Aldeia*, utilizou tais suas características naturais também numa carta que escreveu a um seu amigo, relatando uma sua visita ao Convento dos Capuchos pelo fim dos anos de 1500, ou pelos inícios de 1600.³⁴³

³⁴¹ Por inverosímeis que possam parecer, os factos aqui citados constam todos das obras históricas referidas nas notas.

³⁴² *O Público*, 14 de Dezembro de 1999, p. 49.

³⁴³ A presente carta sofreu algumas adaptações, quer ortográficas, quer de pontuação, por parte do autor; *Cartas de Francisco Roiz Lobo*, Biblioteca da Universidade de Coimbra, ms n.º 1476, através de *Biblos, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, v. 19, 1943, pp. 280-283.

